



Tendo iniciado sua carreira no magistério superior na Universidade de Verona, na qual lecionou por dez anos, Gregorio Piaia é docente e pesquisador na Universidade de Pádua desde abril de 1987. Nela, na qual se formara em 1968, tornou-se Diretor do Instituto de História da Filosofia, do Centro de Pesquisa de Filosofia Medieval, do Centro de História da Universidade de Pádua e do Departamento de Filosofia. Em nível nacional, foi Coordenador do Doutorado em Filosofia, Vice-Presidente da Sociedade Filosófica Italiana, membro do Comitê Executivo da Consultoria Nacional Filosófica e Vice-Presidente da Sociedade Italiana de História da Filosofia.

Participou como expositor em inúmeros eventos científicos internacionais na Europa e nas Américas do Norte e do Sul. Proferiu conferências e ministrou cursos como professor-visitante na Ludwig-Maximilians-Universität München, na Universidad de Buenos Aires, e, no Brasil, na PUC-RS, PUC-SP, UCS, UFG, UFPB, UFPel, UFRN, UNESP-Marília, UNICAMP e USP.

Sua produção bibliográfica – concentrada até o momento em mais de duas dezenas de livros e mais de três centenas de artigos e capítulos de livros – tem-se desenvolvido nas seguintes três diretrizes científicas: pensamento

filosófico-político, teológico-político e ético-religioso entre o tardo-medieval e a primeira idade moderna; teoria e história da historiografia filosófica; cultura filosófica no Vêneto “moderno” [séculos XVIII e XIX].

Um autêntico *ambasciatore della filosofia italiana in Brasile*, Gregorio Piaia é simultaneamente embaixador da filosofia brasileira na Itália, quer pelo muito expressivo número de estudiosos brasileiros recebidos [acadêmica e pessoalmente] e orientados por ele, quer pela sua constante e diligente atuação como propositor e instigador de importantes convênios acadêmicos entre a *Università di Padova* e várias instituições universitárias brasileiras. Desde a década de 90 percorrendo o Brasil de norte a sul e leste a oeste com disposição, interesse e companheirismo ímpares, Gregorio não somente nos brinda com a firmeza de seu profundo saber e vasta erudição, mas sempre nos encanta com a suavidade de sua presença e a bonomia de seu gesto.

Nessa singela homenagem da revista *Trans/Form/Ação*<sup>1</sup> a Gregorio Piaia, o eco dos agradecimentos de todos os que temos tido o privilégio de com ele privar.

A seguir, a glosa de algumas cenas vividas por Greg, em Marília ou a caminho dela...

### ***I CHIRURGI FILOSOFI***

Meu primeiro contato com Gregorio Piaia – pelo correio eletrônico que eu mal começava a utilizar – deu-se por volta de fevereiro de 97, pouco depois de eu o ter *descoberto* por meio de duas publicações recentes.

Desejoso de dar continuidade ao doutorado havia pouco concluído, decidira organizar, naquele ano, um encontro que discutisse as relações entre filosofia, história da filosofia e historiografia da filosofia [lembro-me que alguns de meus pares, ao tomarem contato com minha proposta, estranharam as expressões “historiografia da filosofia” e “historiografia filosófica”, não muito comuns entre nós, é verdade – e mesmo hoje –, mas já então corriqueiras no *filosofês* praticado no hemisfério norte].

---

<sup>1</sup> Tal homenagem não teria sido possível sem a preciosa colaboração dos caros colegas Giuseppe Micheli e Sérgio Strefling, aos quais sou especialmente grato. Da mesma forma, agradeço ao caro colega Kleber Cecon, editor de *Trans/Form/Ação*, pelo acolhimento da ideia e pelo integral apoio concedido à sua implementação.

Não sendo o caso de escrever em italiano ao professor da *Università degli Studi di Padova*, fi-lo em francês, única língua estrangeira na qual me sentia um pouco menos desinibido para comunicar-me com não lusófonos. Em sua resposta, pouco depois, Gregorio aceitava o convite para o evento que ocorreria dali a nove meses. Tendo-lhe proposto indicasse mais dois estudiosos italianos, ele de pronto o fez, nomeando os colegas Enrico Rambaldi [da *Università degli Studi di Milano*] e Stefano Poggi [da *Università degli Studi di Firenze*]. Com eles e com um certo atraso no voo, Gregorio desembarcaria em Cumbica numa 2a. feira ensolarada e quente de novembro de 1997.

Não nos conhecendo pessoalmente, zanzamos um bom tanto no saguão do aeroporto, adivinhando quem fosse quem... Finalmente identificados, reunidos e *bem* atrasados, apanhamos o ônibus que nos levaria ao aeroporto de Congonhas, no qual os *Fokker 50* da TAM ainda partiam para Marília.

Debutando em matéria de coordenação de eventos científicos, eu começava a preocupar-me diante do pouco tempo que restava para chegarmos – *em tempo* – a Congonhas, e da grande distância que ainda faltava percorrer até lá!

Confiando que os três colegas nada fossem compreender do que eu estava para dizer, ocorreu-me um improviso *à brasileira*... Lançando mão do aparelho celular – coisa que, como o *e-mail* que me levava a Gregorio, eu mal começava a usar –, contatei o “0800” da TAM. Exagerando ficcionalmente uma aflição autêntica, disse à moça do outro lado [depois à gerente de operações da empresa em Congonhas] que eu estava na Marginal Pinheiros com três cirurgiões italianos recém-chegados a São Paulo, cuja presença no Hospital de Clínicas de Marília era aguardada para uma delicada e vultosa intervenção. Caso lá não estivessem até o final daquela manhã, não só haveria um desastre hospitalar, mas um grave entrevero diplomático entre Brasil e Itália!

Crédula feito criança, mais aflita que mim, a senhora em Congonhas, rogando-me perdão, explicava as razões pelas quais a partida da aeronave, prevista para dali a menos de 30 minutos, não poderia ser retardada, mesmo em face das justas razões que eu acabava de expor-lhe... Em meio a tentativas conjuntas de solucionar aquele [suposto] já quase inevitável contencioso bilateral, a coisa quase foi pelos ares quando, percebendo a situação, Gregorio desatou a rir...

Colocados no primeiro avião para a cidade mais próxima de nosso destino e mais rapidamente servida por voos da mesma companhia,

desembarcamos em São José do Rio Preto, onde um carro da Faculdade levaria-nos, enfim, a Marília.

Após as nove sessões de trabalho previstas ao longo daquela semana, naquela “Jornada de Filosofia e Ciências Humanas”, o encerramento social do encontro levou-nos à “Cachaçaria Água Benta”. Em meio ao cansaço e aos primeiros comes e bebes, deliciamo-nos todos com *le barzellette* literalmente encenadas por Gregorio e Bento Prado Jr., em italiano e em francês, um e outro com suas respectivas *farfalle*.

### CIBO E FILOSOFIA

Em agosto de 2006, agora para o II Colóquio de História da Filosofia [que a partir dali seria renomeado de colóquio-Kant], Gregorio Piaia e sua esposa Giuliana Tessari, recém-desembarcados, viajaram de carro de Guarulhos para minha casa; com eles, o colega português Leonel Ribeiro dos Santos.

Domingo. A esperá-los, um salmão assado que tardava em ficar pronto. Por mais que Adriana se esmerasse, peixe e forno resistiam. Como se não bastasse, a *pièce de résistance*, ao ser retirada da travessa, desfez-se quase por completo...

Dois dias depois, terça de manhã, fomos os cinco ao *Spacio Sabor & Saber*, no qual nos aguardava a amiga Luísa Zafred. *Nessuna filosofia*. Naquela ocasião, cabia-me *fare il traduttore* de uma *ricetta veneta* trazida por Giuliana, e das consequentes etapas de preparação da mesma, pois ela seria feita ali, nas próximas horas, em gravação para o programa televisivo *Sua Casa e Você*. Depois das cenas e do *mico* impagável de que eu fora protagonista..., saboreamos massa e vinho.

Em meio àquela função, contudo, e para equilibrar o registro que coadjuvava, eu às vezes participava do colóquio plurilinguístico entre Gregorio e Leonel. Numa delas, lancei-lhes a ideia [acalentada havia dois anos] de um colóquio trilateral kantiano entre portugueses, italianos e brasileiros. Diante de um Gregorio cuidadoso [“*può darsi che sia possibile farlo...*”], Leonel mostrou-se cético. Decidido, porém, a seguir em frente com a coisa, eu voltaria à carga no mês seguinte, pessoalmente em Lisboa, com Leonel, e, por *e-mail*, também com Gregorio. Nem um nem outro suficientemente convencidos

da viabilidade de tal encontro, apelei para uma estratégia não exatamente ortodoxa [e decididamente não kantiana]...

Em novembro, pouco antes de ir a Verona e Padova – onde, gentilmente convidado por Riccardo Pozzo e por Gregorio, faria duas exposições –, disse a Leonel que Gregorio havia concordado com a ideia de um colóquio trilateral, e que até se mostrara disposto a organizá-lo em Padova. A Gregorio, naturalmente, contei-lhe que Leonel estava de acordo com o plano, tendo-se inclusive mostrado disposto *etc.* Diante daquela dupla *explícita* concordância, o primeiro encontro trilateral seria logo depois delineado em Padova entre Gregorio, Giuseppe Micheli e mim mesmo...

Pouco mais de trinta kantianos estivemos em janeiro de 2008 em Verona e Padova. No ano seguinte, em Lisboa, já seríamos mais de 50. E em Mainz, Tiradentes, Madrid, envoltos pela multilateralidade que desde então abriga também alemães e espanhóis, em número ainda superior. A julgar pelas próximas edições desses eventos – em New York [em 2016], em Halle-Wittenberg [em 2017] e em Kaliningrad [em 2019] –, a combinação de amizade e generosidade tem dado ótimos frutos, a despeito do *heterodoxo* pontapé inicial...

Ubirajara Rancan de Azevedo Marques

